

CORPO-PROFESSOR NO ENSINO DA ARTE: TRANSGRESSÕES A HETEROCENTRICIDADE COMPULSÓRIA

Eixo Temático ET – 01

André Luiz de Araújo Lima¹
Thiago Nunes Amorim²
Ana Lúcia Gomes da Silva³
Antenor Rita Gomes⁴

RESUMO

A ideia que radicaliza o *status quo* da relação de gênero é o conceito de heterossexualidade como uma instituição política, apresentado por Adrienne Rich. Este ensaio busca debater a ideia de heterocentricidade e pensar o ensino da arte diante do paradigma do corpo e sua imagem ainda sob o domínio da heterocentricidade compulsória. Propomos como objetivo cartografar deslocamentos do corpo-professor no ensino da arte, refletir sobre a sujeição dos corpos instaurados como imagens, sua domesticação no contexto da educação básica, trazendo para o debate práticas e propostas didáticas experimentadas na temporalidade das imagens e no corpo-professor, emergindo como resultados as possibilidades de produção de devires que transgridam no ensino da arte a ideia de heterocentricidade compulsória.

¹Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED) da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, andrelima743@gmail.com. Membro do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior - DIFEBA- Uneb - <http://difeba.uneb.br/> e do Grupo de pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagens - CULT-VI- Uneb- <http://www.cult-vi.uneb.br>.

² Graduando em Letras Língua Inglesa - Universidade do Estado da Bahia - Uneb, campus IV/ Jacobina. Bolsista de Iniciação Científica [voluntário], orientado pela professora Ana Lúcia Gomes da Silva e membro do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior - DIFEBA- Uneb - <http://difeba.uneb.br/>. E-mail: thiago.ingles18@gmail.com

³Docente titular da Universidade do Estado da Bahia- Campus Jacobina –Uneb. analucias12@gmail.com. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED)/Uneb/Jacobina e do Curso de Letras Língua Portuguesa. Líder do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior - DIFEBA- Uneb - <http://difeba.uneb.br/>

⁴Docente titular da Universidade do Estado da Bahia- Campus Jacobina –Uneb- antenorritagomes@gmail.com Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGED)/Uneb/Jacobina. Líder do Grupo de Pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagens - CULT-VI- Uneb- <http://www.cult-vi.uneb.br>.

Palavras-chave: Heterocentricidade compulsória, Ensino da arte, Corpo-professor.

INTRODUÇÃO

Corpos, vozes, olhares, ainda revestidos de medo absorvem um discurso de massa sem se dar conta das performances heteronormativas encarnadas em anúncios, propagandas, imagens que buscam instaurar uma estética padronizada a partir do gênero e das sexualidades, já compreendidas como expressões plurais de vida e não mais no singular. Deste modo, interrogamos: como a arte pode caminhar entre estes territórios e propor tensionamentos que permitam pensar acerca de tais representações diante da massiva presença de imagens que nos interpelam a viver no mundo de forma a abrandar as diferenças?

O apelo visual pela homogeneização dos corpos e seu apaziguamento nos levam a pensar em possibilidades de insurgência em sala de aula, por possibilidades de borrar o currículo escolar estagnado e propor currículos nômades, feito de pessoas em um território movente, sem pedir licença ao opressor, mesmo falando com a sua língua. A sala de aula como território de passagem tal qual a vida.

“A ideia que radicaliza com o *status quo* da relação de gênero e abre um debate amplo no âmbito da luta por direitos é o conceito de heterossexualidade como uma instituição política que retira o poder das mulheres” (RICH, 1993, p.19), apresentado por Adrienne Rich em seu artigo *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*. A ideia de heterocentricidade compulsória perpassa no artigo de Rich um amplo espectro de lutas de poder entre sujeitos, corpos e a perpetuação do poder heteronormativo.

A autora idealiza uma perspectiva em que mulheres têm capacidade de lutar contra o padrão masculino naturalizado na sociedade capitalista pelas suas instituições mais consolidadas: o trabalho, a família, a religião e o estado. Esta mesma ideia inspira Judith Butler (2000) a buscar uma ruptura com este padrão pela via da filosofia. Butler traça uma definição ontológica de sexo, evidenciando sua marca histórica como uma imposição do modo de vida do homem sobre a mulher. Para ela:

As normas regulatórias do “sexo” trabalham de uma forma performativa para constituir a materialidade dos corpos e, mais especificamente, para materializar o sexo do corpo, para materializar a diferença sexual a serviço da consolidação do imperativo heterossexual.(BUTLER, 2000, p. 2)

Entende-se assim que o sexo figura uma forma de naturalização de uma única via de compreensão da sexualidade, o que acaba por se tornar uma simples questão de demarcação física dos sujeitos e a uma tendência a não aceitação de variações que fogem deste esquema binário homem/mulher. O imperativo heterossexual torna-se uma via de domesticação dos corpos culturalmente heterogêneos, e por isso, inaceitáveis para o acordo silencioso do capital e seus fundamentalismos culturais, sociais e econômicos.

É nesse contexto que se coloca a discussão sobre a heterocentricidade percebida através das imagens nas aulas de artes que atravessam o corpo-professor, este compreendido com sendo um corpo em processo de subjetivação, inacabado, movente, que experimenta processos de vir a ser professor, não sendo um sujeito do conhecimento entendido como pronto, acabado. Essa definição sobre os processo de subjetivação do professor nos aproximam das pesquisas do professor Marcos Villela Pereira, que traz o conceito de professoralidade no livro *Estética da Professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor*, conceito definido pelo autor como “uma marca produzida no sujeito, ela é um estado, uma diferença na organização da prática subjetiva” (PEREIRA, 2016, p.53).

METODOLOGIA : Narrativas cartográficas dos corpos-professor

O presente trabalho é demarcado por escritas de si, instalada e gestada a partir de memórias e vivências do corpo-professor na sala de aula, em seus percursos de vida-formação como professor de arte. A inquietação parte da não aceitação da normalização das imagens do corpo, fruto de uma educação heteronormativa no âmbito do espaço escolar. Neste ensaio teórico, outros sujeitos co autores/as tecem juntos, sobretudo porque experienciam com seus corpos-territórios a diversidade interrogada em suas práticas pedagógicas. No caso do primeiro autor, sua experiência de um professor de Arte e artista plástico hétero, que se afeta com as observações e se inquieta sobre esta temática em sala de aula.

No caso do segundo e quarto autores, as experiências de viver e se expressarem com seus corpo insurgentes, fora do enquadramentos da heterocentricidade percebida nas aulas da universidade e da educação básica, são pistas que atravessam seus

corpos-professores, e que os afetam, por conceberem seus corpos na perspectiva performática de pulsão de vida, como nos diz Eduardo Miranda (2020,p.25), [...] “elucidado que o corpo-território é um texto vivo, um texto-corpo que narra as histórias e as experiências que o atravessa. Consigo lembrar com riqueza de detalhes as primeiras vezes que o meu corpo-território sentiu-se atravessado”. De modo diferente, mas não menos intenso, a segunda autora também é atravessada pelo tema e pelo corpo que como lugar de saber, é potência em devires para o corpo-professor, e de cada autor deste texto.

Assim, outros atravessamentos interseccionam o gênero: raça e classe social. Estes marcadores nos performatizam e nos remete a compreensão de que um corpo é um texto a ser lido, é simbólico, é arte e transborda em sua ontologia e singularidade. Tanto quanto é ferido, estereotipado, objetificado e coisificado. Nesse ínterim, lança-se mão de experiências de escrita que se propõe narrar certas passagens que permitam trazer à tona determinados cenários como campo de acontecimentos onde possamos perceber os modos pelos quais a heterocentricidade compulsória fere a imanência do corpo-professor, afetado pelas imagens nas quais a heteronorma configura-se como marca epistêmica.

Como proposta metodológica propomos cartografar movimentos de percepção do corpo-professor em sala de aula na interlocução deste corpo, com estudantes no contexto das aulas de arte na Educação Básica com o objetivo de potencializar estratégias que transgridam a noção de heterocentricidade compulsória e pensar possibilidades de insurgência em sala de aula, por possibilidades de borrar o currículo instituído.

O material a ser analisado nesta pesquisa são os próprios relatos das experiências do corpo-professor, relatos estes que estão na ordem do efêmero, não fixados ou registrados em qualquer tipo de suporte, entendendo portanto, que os relatos e a análise deste material são construídos com/na escrita, num mesmo plano, incorporando sem obliterar a materialidade do corpo de suas intensidades sensoriais ou apartando sua racionalidade de seus sentimentos,

fazendo aparecer a contradição que as regras assentadas não permitem, a exemplo da intuição, sensação, emoção, pensamento corpóreo de um corpo que sente, se emociona, cria e vivencia o mundo interior transgredindo as

duras regras impostas pelo mundo heterossexual, que é exterior ao corpo, que é corpo político, situado no tempo, na história (SILVA, 2016, p. 349)

Destaca-se a importância da escolha pela perspectiva da cartografia, proposta pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), no livro *Mil Platôs*. Tal escolha se articula com pressupostos que entendem o contexto educacional contemporâneo como um ambiente que se configura cada vez mais como um território de lutas e resistências de minorias que se organizam para enfrentar poderes instituídos e pensar procedimentos de resistência populares.

REFERENCIAL TEÓRICO : PISTAS ORIENTADORAS

Para compor este ensaio-experiência dialogamos com Eduardo Miranda (2020) ao nos propor o exercício de pensarmos e refletirmos, e conseqüentemente nos interrogarmos sobre o corpo como uma categoria de produção científica e experiencial, como lugar do saber em que de modo performático, expressa-se como obra de arte. E para balizar nossa experiência, dialogamos com Jorge Larrosa (2002), ao nos dizer que do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “ex-posição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se "ex-põe". (LARROSA, 2002, p.25). E neste texto nossa ex-posição vem desta filiação, da experiência como formação.

Tomamos a experiência como formação para uma (re)invenção de si e do outro para nos movimentar na busca da produção de diferenças. O que Deleuze e Guattari nos mostram é que a diferença é necessariamente produção de um coletivo, já que ela é o fruto de composições das forças que constituem um determinado contexto sócio-cultural. Eles nos mostram ainda que abrir-se para a diferença implica em se deixar afetar pelas forças de seu tempo, pela educação com o espírito do seu tempo, que exige uma cartografia igualmente do presente.

Uma política que não consiste simplesmente em reconhecer o outro, respeitá-lo, em não tornar o outro o terceiro excluído, mas preocupar-se com as conseqüências da nossa

conduta sobre ele e ir mais além. Trata-se de assumir as consequências de sermos permanentemente atravessados pelo outro, uma política indissociável de uma ética de respeito pela vida. Deleuze e Guattari nos ajudam a substituir a luta em torno de ideais abstratos pelo enfrentamento dos problemas concretos. (ROLNIK, 1995).

ACHADOS EM CONSTRUÇÃO: FORMAÇÃO DOCENTE SOB RASURA

Os achados produzidos ao revirar as memórias e relatos nos impelem a pensar que a tarefa do professor de arte, interpelado por imagens em sala de aula e pelos discursos heterocentralizados, pronunciados nesse contexto, que perpetuam preconceitos, estereótipos e mitos sobre a sexualidade, está subsumida a um campo de intervenções que busca expansão no espaço escolar, numa palavra, que busca viver. Entretanto, a forte imposição das normas dos discursos visam abrandar as diferenças, transformando-as em desigualdade, anomalias. Os corpos de estudantes e docentes vistos como corpos excêntricos que teimosamente se expressam, a despeito da compulsão social heteronormativa e da noção de heterocentricidade compulsória que teimamos em rasurar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que grandes paradigmas assolam a sociedade contemporânea em torno das relações sociais devastadas pelo individualismo, a alienação, o consumo em massa e o controle social em amplo espectro, problemas que demandam urgentes medidas no sentido de superar entraves que impossibilitam a vida em sua diversidade, não como um abrandamento das tensões, mas como superação das dificuldades impostas em novas alianças, não mais pelo estado capitalista, mas antes pelos sujeitos, na microfísica das relações, num rearranjo entre a humanidade e suas crenças, sua ciência e arte reimaginadas numa possibilidade de futuro possível por todos/as/es e para todos/as/es, desafio este que pode encontrar na escola uma potência de transformação para a concretização de uma utopia.

Nosso objetivo central apontou pensarmos a formação docente como movimento de produção de uma subjetividade que ensina e constitui o professor e a professora.

Nessa medida, o presente texto buscou evidenciar a compreensão dos autores/as quanto às experimentações no processo de formação docente a partir dos conceitos da filosofia da diferença. Disto isto, buscamos em nossas aulas, quer na educação básica quer na universidade, possibilidades outras, de habitar e nos expressarmos em nossos corpos-territórios como histórias de si que confere mais oportunidade de uma humana docência em que a diversidade seja efetivamente experienciada, experimentada, por dentro/de dentro da experiência e não apenas discursiva.

Esta experiência, portanto, nos aponta caminhos para pensar possibilidades de produção de devires outros, que transgridam, pela (re)articulação e reconfiguração de outras matérias do pensamento a partir do corpo-professor, a ideia de heterocentricidade compulsória e potencializar propostas de insubordinação dos corpos. Novamente Deleuze nos incita a pensar, e problematizar, pois para ele, para [...]“pensar uma vida com multiplicidade é preciso pensar um mundo sem transcendência. Para pensar a vida como multiplicidade é preciso pensar o mundo sem a ideia de eminência”. (DELEUZE,2018, p. 34).

REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do sexo. *In*. LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- DELEUZE, Gilles.; Guatarri, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Volume 01. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. 1 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários para a prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial**: proposições afro-brasileiras na invenção da docência /Salvador : EDUFBA, 2020.
- PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2016.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. *In*: COSTA, M. V. **Caminhos investigativos** – novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 133-160.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Tradução por Carlos Guilherme do Valle. Revista Bagoas, Natal, n. 5, 2010, p. 17-44.

Rolnik, Suely. (1995, Novembro). **Ninguém é deleuziano**. O Povo, Caderno Sábado. Disponível em:
<https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/ninguem.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2022

SILVA, Ana Lúcia Gomes da; COSTA, Váldina Gonçalves da; PEREIRA, Diego Carlos. (Orgs) **Ateliês de Pesquisa**: formação de professores (as), pesquisadores (as) e métodos de pesquisa em educação. Salvador: Eduneb, 2020. p.193.

SILVA, Zuleide Paiva. **Sapatão não é bagunça**: estudo sobre as organizações lésbicas da Bahia. Tese [Doutorado em Difusão do Conhecimento], UFBA, IFBA, UNEB, UEFS, SENAI-CIMATEC, LNCC, Salvador, 2016.